

Máquinas de percepção: Whitehead e o rompimento do dualismo sujeito-objeto

Daniele Fernandes¹

Resumo: O conceito de objeto em Whitehead é aqui explorado como um processo de funcionamento maquínico produzido por *feelings*. A noção de máquina é a mesma usada por Levi Bryant, noção bastante conhecida entre os pensadores do realismo especulativo. Será investigado somente o objeto dos *feelings* físicos, isto é, a entidade atual. Pretende-se mostrar que, por esse próprio modo de funcionamento, o objeto é, na verdade, uma entidade atual complexa, constituída pela integração de *feelings* que se produzem no encontro com outras entidades. A entidade atual ora se comporta como objeto, ora como sujeito (ou superjecto, como prefere Whitehead), dependendo do papel que exerce em dado agenciamento. Porém, uma entidade atual só se torna objeto ao adquirir a unidade subjetiva dada por um sujeito que, por sua vez, não existe sem os *feelings* que tem dos objetos. Um não existe sem o outro, e não há hierarquia entre eles. Essa falta de hierarquia entre sujeito e objeto e o modo como Whitehead entende o *feeling* nos permitem esboçar uma relação entre sua obra e a teoria da percepção de Peirce.

Palavras-chave: Whitehead. Realismo especulativo. Peirce. Máquina. Percepção. Sujeito-objeto.

Perceptual machines: Whitehead and the disruption of subject-object dualism

Abstract: This paper explores Whitehead's concept of object as a mechanical process produced by feelings and its influence on speculative realists. Bryant uses the concept of machine in Whitehead's sense. Other speculative realists are equally familiar with the notion. The focus is on the object, i.e., the actual entity of physical feeling. By its very mode of functioning, this object is a complex actual entity constituted through integrating feelings produced in the encounter with other entities. The actual entity can act both as an object and as a subject (Whitehead's *superject*), depending on the role it plays in a given situation. However, an actual entity only becomes an object when it acquires the subjective unity given by a subject that, for its part, that does not exist without the feelings it has of the objects. One does not exist without the other, and there is no hierarchy between them. The paper goes on to examine Whitehead's

¹ Doutora e mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). Graduada em Arquitetura e Urbanismo (UNESP). Pesquisadora de Pós-doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP). Pesquisadora do grupo do CNPq-TransObjeto (TIDD/PUC-SP) e pesquisadora do grupo do CNPq-PIPOL - Projetos Integrados de Pesquisa Online (Depto. de Design/UNESP). E-mail: cyberdany@gmail.com.

conception of a subject without any hierarchical relation to its object and Whitehead's philosophy of feeling in light of Peirce's semiotics and his theory of perception.

Keywords: Whitehead. Speculative realism. Peirce. Machine. Perception. Subject-object.

O rompimento da dualidade sujeito-objeto, dualidade imposta pela visão correlacionista, talvez seja o elo entre todos os realistas especulativos. O desmantelamento dessa dualidade parece ter, portanto, um papel preponderante para esses pensadores. Levi Bryant, por exemplo, usa o termo máquina para substituir o termo objeto e evitar a oposição secular em relação ao sujeito. Para ele, "o conceito de máquina capta de modo admirável a essência de entidades como seres que funcionam ou operam. Ser é fazer, operar, agir" (BRYANT, 2014, p. 15). Já Shaviro (2011, p. 3) nos diz que "ferramentas (como coisas em geral) são o que Bruno Latour chama de actantes – tanto quanto nós mesmos somos". Então, talvez possamos dizer que as "coisas em geral", incluindo seres humanos, são *agentes, funcionando* (agindo) como *máquinas* em um agenciamento em que várias entidades interagem.

Um dos principais influenciadores do realismo especulativo é Whitehead, muito referenciado especialmente por Shaviro. Pretende-se aqui explorar o conceito de objeto em Whitehead como *um processo de funcionamento maquínico produzido pelo que o autor chama de feelings*. Por essa perspectiva, é possível dizer que o objeto é uma entidade atual que se forma ao interagir com outras entidades por meio dos *feelings*. Na verdade, pode se comportar como sujeito ou como objeto, dependendo do papel que desempenha no agenciamento em que se encontra. Para Whitehead, perceber um objeto "não é algo que acontece a mim como um sujeito já constituído; mas sim algo que me constitui de novo como sujeito" (SHAVIRO, 2007, p. 3). Quando um objeto é incluído pelo sujeito, torna-se parte de seu devir, transformando-o.

No espaço deste artigo, teremos que nos limitar a explorar o conceito de objeto em Whitehead, relacionado-o a um funcionamento maquínico, apenas sob o aspecto da entidade atual, objeto dos *feelings* físicos. O filósofo considera que "essa doutrina do *feeling* é a doutrina central com respeito ao devir de uma entidade atual" (WHITEHEAD, 1978, p. 233). Ele aponta, assim, para a importância do *feeling* no processo de constituição dessas entidades, ou melhor, no processo de como essas

entidades se tornam outras. Segundo Shaviro (2011, p. 10), “para Whitehead, experiência é ser; o que uma entidade sente é o que essa entidade *é*”. Para desenvolvermos a noção desse *objeto maquínico* a partir de Whitehead, convém definir, além dos conceitos de objeto, sujeito, *feeling* e entidade atual, outros conceitos que dão suporte a estes: apreensão, concrecência, satisfação, objetos eternos e o que o autor chama de filosofia do organismo.

A *filosofia do organismo* é uma filosofia de processos que, segundo Whitehead, é uma teoria celular (*cell-theory*) da atualidade em que “cada unidade última do fato é um complexo celular, não analisável em componentes com completude equivalente de atualidade” (WHITEHEAD, 1978, p. 219). Pode-se perceber que, quando fala dessas células, o autor coloca ênfase na “unidade”, na “complexidade”, na “atualidade” e na “novidade”. A questão que se pode colocar é: como essa ênfase numa unidade atual complexa e discreta pode conduzir a uma teoria filosófica de processos?

Pode-se dar início à resposta afirmando que é precisamente porque a realidade, para Whitehead, é composta por células que são *em si* processos. Para ele, os elementos últimos do *feeling* são as *entidades atuais*, que são o objeto dos *feelings* físicos e os *objetos eternos*, que são o objeto dos *feelings* conceituais. Já os *feelings transmutados* envolvem entidades atuais e objetos eternos (cf. *ibid.*, p. 232).

Quanto aos objetos eternos, basta compreendermos que “qualquer entidade, cuja reconhecimento conceitual não envolve referência necessária a quaisquer entidades atuais definidas do mundo temporal, é chamada um ‘objeto eterno’” (*ibid.*, p. 44). Objetos eternos são potencialidades e devem ser abstraídos das coisas que são temporais, mas não são uma estrutura *a priori* e não podem ser concebidos sem essas entidades empíricas e temporais que informam (cf. SHAVIRO, 2007, p. 18). Eles são, como muito bem sintetizado por Deleuze, “esquemas de permanência” que podem ser sentidos como qualidades (som), figuras (pirâmide) ou coisas (ouro). Numa realidade composta por fluxos, é preciso que uma permanência se encarne no fluxo e seja captada, para que possamos dizer que algo é o mesmo rio, por exemplo. Os objetos eternos são o que captamos como permanente no fluxo que é o universo (cf. DELEUZE, 1991, p. 122-123).

Quanto às entidades atuais, elas se constituem por um processo de apropriação de elementos de outras entidades. Cada uma dessas *células de atualidade* é uma unidade discreta, única e atômica no universo, mas é sentida como um processo:

A análise de uma entidade atual é somente intelectual, ou, para falar com um escopo mais amplo, somente objetiva. Cada entidade atual é uma célula com unidade atômica. Mas na análise isso só pode ser entendido como um processo, isto é, como uma passagem. A entidade atual é divisível; mas é de fato não dividida. A divisibilidade só pode assim se referir às suas objetificações nas quais transcende a si mesma (WHITEHEAD, 1978, p. 227).

Primeiramente, Whitehead fala do “intelectual” como um modo da objetividade. O intelecto age como uma entidade que se apropria de outra, que, no caso, é o objeto. Veremos que a objetificação diz respeito justamente a essa capacidade de influenciar outras entidades. Nesse processo de apropriação, a entidade (objeto apropriado) influencia o intelecto. Cada uma dessas células da realidade possui *formalmente* uma unidade e, embora possa ser divisível em partes, não é dividida, mas apenas analisada *objetivamente* (como objeto). Isso ocorre, segundo Whitehead, porque uma entidade atual não é sentida em sua completude *formal*, mas é *objetificada* pelas eliminações introduzidas pela entidade que a inclui (cf. *ibid.* p. 226); esta entidade nunca inclui a totalidade do objeto, mas apenas o que lhe é consistente.

Isso tudo quer dizer que uma entidade atual (unidade celular complexa) é *em si*, um processo de apropriação e integração sucessiva de *feelings*, mas que, ao final do processo, vemos, torna-se uma unidade de *feeling*, com capacidade de interferir no processo de formação de outras entidades. Estas, por sua vez, apropriam-se não da entidade como um todo, mas dos aspectos que lhes afetam. Whitehead tem um conceito específico para falar dessa “apropriação”.

Segundo ele, do ponto de vista genético, “a célula é exibida como apropriação para a fundação da sua própria existência [...] Cada processo de apropriação de um elemento particular é chamado *preensão*” (*ibid.*, p. 219). Esse “elemento particular” apropriado é precisamente uma parte de outra entidade complexa, tomada como objeto da *preensão*. E as próprias *preensões* são complexas e divisíveis, pois “*preensões* não são atômicas; elas podem ser divididas em outras *preensões* e combinadas dentro de outras *preensões*. *Preensões* também não são independentes

umas das outras” (ibid., p. 235). Então, uma entidade atual se forma por um processo de integração das apreensões. Para sermos ainda mais precisos, integração dos *feelings*, dado que um “*feeling* – isto é, uma apreensão positiva” (ibid., p. 221) é o que efetivamente permite uma apropriação. O processo do *feeling* será detalhado para se entender melhor sua relação com a apreensão positiva e com a negativa.

O processo do *feeling* é composto por cinco fatores: “(i) o ‘sujeito’ que sente, (ii) os ‘dados iniciais’ que são para ser sentidos, (iii) a ‘eliminação’ em virtude das apreensões negativas, (iv) o ‘dado objetivo’ que é sentido, (v) a ‘forma subjetiva’ que é como o sujeito sente aquele dado objetivo” (ibid., p. 221). Isso quer dizer que os dados iniciais são tudo o que está no mundo e que ainda não foi sentido pelo sujeito. Desse universo de dados, o sujeito elimina vários, excluindo-os do seu mundo atual por meio das apreensões negativas. Mas esse “negativo” seria melhor descrito como um potencial de apropriação que não foi atualizado: “A apreensão negativa tem suas próprias formas subjetivas que contribuem para o processo. Um *feeling* [...] retém a impressão do que poderia ter sido, mas não é. [...] O atual não pode ser reduzido à mera questão de fato divorciado do potencial” (WHITEHEAD, 1978, p. 226-227). O dado objetivo, por sua vez, é o que sobra dos dados iniciais depois da eliminação. Por fim, a forma subjetiva é a maneira como o sujeito interpreta o dado objetivo. É o que o sujeito efetivamente sente. O que também chama a atenção é que “a novidade essencial de um *feeling* se atribui à sua forma subjetiva. [...] a forma subjetiva é a novidade imediata; é como *aquele* sujeito está sentindo aquele dado objetivo” (ibid., p. 232). Cada sujeito sente de maneira diferente os dados iniciais e mesmo o dado objetivo.

Guardadas as devidas proporções, sem entrarmos nos meandros teóricos de cada autor e sabendo que *feeling* e percepção são coisas distintas, pode-se tentar aproximar o conceito de *feeling* em Whitehead da percepção em Peirce (cf. SANTAELLA, 1995, p. 69-70). Usando a terminologia de Peirce (*estar para*), parece-nos que os “dados iniciais” estão para o “percepto” de Peirce, que ocupa o lugar lógico do objeto dinâmico, ou seja, aquilo que está fora e que o signo intenta representar, indicar ou apresentar; já o “dado objetivo” está para o “*percipiuum*”, que ocupa o lugar lógico do objeto imediato, quer dizer, a versão do objeto dinâmico tal como comparece dentro do próprio signo (não se tem controle sobre ele) e a “forma subjetiva” está para

o “juízo perceptivo”, ligado a esquemas interpretativos. O dado objetivo seria mais como a sensação pura, antes de qualquer percepção propriamente dita. Já o “sujeito” de Whitehead estaria mais para o “intérprete”, dado que não existe algo semelhante a um sujeito em Peirce.

Na semiose peirciana, a figura do sujeito é substituída pelo papel que o intérprete ocupa na cadeia sígnica (signo-objeto-interpretante), quando se produz uma interpretação, ou seja, cria-se um outro signo, na mente desse intérprete. Como a semiose é uma relação triádica em que o signo é um mediador entre a mente interpretadora e o mundo objetivo, fica aí rompida qualquer ideia de uma relação dual entre sujeito e objeto (cf. SANTAELLA, 2014). Peirce também não faz menção a nenhum fator negativo (ou potencial) na transição do percepto para o *percipuum*, este entendido como o percepto tal como imediatamente interpretado no juízo perceptivo, filtrado pela passagem do percepto do exterior ao interior. Whitehead também faz isso ao introduzir as preensões negativas como critério de eliminação. Mas, na medida em que o *percipuum* é o percepto traduzido no julgamento perceptivo, na passagem do percepto do mundo lá fora para a mente, existem no organismo, que apreende o percepto, filtros sensório-perceptivos, de modo que aí já se processa uma seleção. Além disso, uma vez que o juízo perceptivo depende dos esquemas mentais com que esse organismo está equipado, existem, novamente nessa camada, critérios seletivos eliminatórios que, nesse aspecto, ainda não têm nada a ver com quaisquer ações intencionais.

Para Whitehead, por seu lado, não há hierarquia entre dados iniciais e forma subjetiva, pois embora o *feeling* “precise sempre ter referência reprodutiva aos dados, não é totalmente determinado por eles. [...] [A entidade atual] é uma integração progressiva de *feelings* controlados por suas formas subjetivas” (WHITEHEAD, 1978, p. 232). Peirce também não estabelece hierarquia entre percepto e juízo perceptivo; aliás, não faz nenhum sentido falar em superioridade de nenhum dos três correlatos da percepção, incluindo o *percipuum*. São fatores de um processo².

² Para uma discussão específica da relação entre signo em Peirce e máquina no realismo especulativo, deve-se consultar, no site do *Transobjeto*, o texto *O universo permeado de máquinas de Levi Bryant* (cf. NÖTH, 2015). Também nesse site podem ser encontrados outros textos em que as máquinas e a noção de coisas como actantes são definidos.

Para Whitehead, os *feelings* são um processo que vai dos dados iniciais a uma novidade subjetiva, sem que haja uma superioridade hierárquica entre eles. O que constitui as células complexas da realidade (entidades atuais) é um processo de integração de *feelings* (preensões positivas). Em outras palavras, os *feelings* são apropriações de elementos de outras entidades tomadas como objeto. Esses *feelings* passam por sucessivas integrações até formar uma *nova* unidade de *feeling* discreta – no tempo (ela não dura) e no espaço –, uma unidade subjetiva, que as torna capazes de afetar outras entidades. Esse processo de integração de preensões positivas (*feelings*) é a própria entidade atual *em si*, a célula complexa de atualidade de Whitehead.

Devemos mencionar que, além das entidades atuais e dos objetos eternos, no processo de sucessivas integrações, outras entidades surgem e são também preendidas, tais como as proposições e os contrastes (cf. WHITEHEAD, 1978, p. 219). Não discutiremos estas outras entidades neste artigo; mas, para podermos compreender melhor o conceito de objeto de Whitehead, convém explicar com mais rigor o que é entidade atual, agora com relação à *satisfação* e à *unidade subjetiva*.

Uma entidade atual é um processo no curso do qual muitas operações com unidade subjetiva incompleta termina numa unidade completa de operação, chamada “satisfação”. A “satisfação” é o contentamento do anseio criativo pelo cumprimento das suas exigências categóricas. [...] A unidade terminal de operação, aqui chamada “satisfação”, incorpora o que a entidade atual é além dela mesma (ibid., p. 219).

Podemos dizer, então, que uma entidade atual é o próprio processo constituído por meio da integração das sucessivas preensões desses elementos apropriados (preendidos). Esse processo, que – enfatizamos – é *a própria entidade atual*, tende a realizar seu anseio criativo na satisfação, isto é, tende a torna-se um acréscimo de novidade no universo. E isso ocorre quando essa entidade atual se torna uma unidade de *feeling* complexa, determinada e com uma unidade subjetiva completa. É justamente nesse ponto que seu processo interno se desgasta, mas que ela se torna capaz de afetar outras entidades. Esses efeitos sobre outras entidades dizem respeito justamente ao caráter *objetivo* das entidades atuais, isto é, dizem respeito a essas entidades como *objetos*.

Para entender como Whitehead pensa esses “efeitos”, devemos compreender o conceito de concrecência: “nome para o processo em que o universo de muitas

coisas adquire uma unidade individual em um rebaixamento determinado de cada item do 'muitos' para sua subordinação na constituição do novo 'um'" (ibid., p. 211). A concrecência é o processo de constituição de células complexas de atualidade, que se consolida precisamente quando a integração dos *feelings* adquire uma unidade que acrescenta novidade ao universo. "Não há 'a concrecência' e 'a coisa nova': quando analisamos a coisa nova, não encontramos nada além da concrecência. [...] Uma instância de concrecência é chamada uma 'entidade atual' – ou, equivalentemente, uma ocasião atual" (ibid., p. 211). Assim, podemos concluir que *concrecência* e *entidade atual* são termos sinônimos e dizem respeito à produção de novidade e complexidade no universo.

A citação a seguir torna mais clara a relação entre concrecência, *feeling* e satisfação: "O processo de concrecência é divisível em um estágio inicial de muitos *feelings*, e a sucessão de fases subsequentes de *feelings* mais complexos integrando os *feelings* anteriores mais simples até a satisfação que é uma unidade complexa de *feelings*" (ibid., p. 220). Quando o processo de concrecência se satisfaz, é quando a entidade atual adquire uma unidade subjetiva completa, um diferencial diante de outras entidades atuais. É também quando mostra seu poder para intervir no processo de concrecência de outras entidades. Os *efeitos* de uma entidade atual são justamente "suas intervenções em processos de concrecência outros que não o seu próprio. Qualquer entidade, assim intervindo em processos que transcendem a si mesma, diz-se estar funcionando como um 'objeto'" (ibid., p. 220).

Podemos finalmente compreender o conceito de objeto de Whitehead. Uma entidade atual *funciona como objeto*, para usar sua expressão, se possui a capacidade de afetar outras entidades, mas só o faz quando adquire uma unidade subjetiva completa. Por isso, dissemos que o objeto de Whitehead é uma máquina, pois funciona como um agente em um agenciamento de entidades atuais. Essa máquina (ou entidade atual) pode se comportar como objeto, quando é preendida, ou como sujeito, quando é *preendente*: "Um *feeling* não pode ser abstraído de uma entidade atual entretendo-o. Essa entidade atual é chamada de 'sujeito' do *feeling*" (ibid., p. 221). Por esta citação, vemos claramente que o sujeito, assim como o objeto, é também uma entidade atual. Para Shaviro (2007, p. 9), "não há distinção formal, permanente entre o eu observador

(sujeito transcendental, sujeito de enunciação) e o eu sendo observado (eu como objeto no mundo ou sujeito de uma afirmação)". Por isso pensamos que sujeito e objeto talvez sejam apenas aspectos de uma entidade atual, dependendo do seu papel em determinado agenciamento.

Vejam, portanto, mais precisamente o que Whitehead entende por "sujeito". Segundo ele, "o termo 'sujeito' tem sido mantido porque nesse sentido é familiar em filosofia. Mas ele é enganador. O termo 'superjecto' seria melhor. O sujeito-superjecto é o propósito do processo que origina os *feelings*" (WHITEHEAD, 1978, p. 222). Como já vimos, o *feeling* não depende apenas do sujeito, pois "nenhum *feeling* pode ser abstraído nem de seus dados, nem do seu sujeito" (ibid., p. 232). E "os *feelings* são inseparáveis do fim ao qual eles visam; e esse fim é o 'sentidor'" (ibid., p. 222), isto é, o sujeito. Entretanto, "um *feeling* é a apropriação de alguns elementos no universo para serem componentes na constituição real interna do seu sujeito" (ibid., p. 231). Então, "os *feelings* são o que eles são de maneira que o sujeito deles possa ser o que ele é" (ibid., p. 222). O ouvinte, por exemplo, "não seria o ouvinte que ele é, separadamente desse *feeling* dele" (ibid., p. 234).

Parece que, para Whitehead, o superjecto é a causa final e unidade dos *feelings*: "essa causa final é um elemento inerente ao *feeling*, constituindo a unidade do *feeling*. Uma entidade atual sente como ela sente de maneira a ser a entidade atual que ela é" (ibid., p. 222). Quando falamos anteriormente sobre a "unidade subjetiva" era a isso que nos referíamos: unidade de *feeling*. "Então, transcendentalmente, desde que o sujeito é o que ele é em virtude de seus *feelings*, é somente pelos significados de seus *feelings* que o sujeito objetivamente condiciona a criatividade transcendente além de si mesmo" (ibid., p. 222). É somente na satisfação, quando intervém a unidade subjetiva, introduzindo a novidade no *feeling*, que a entidade atual passa a funcionar como objeto para outra entidade (superjecto), por ser capaz de afetá-la. Não existe superjecto sem objeto ou vice-versa: ambos são entidades atuais constituídas por *feelings*, fruto do encontro entre os dois.

Na ontologia de Whitehead, sujeito e objeto só existem um pelo outro. Portanto, não se trata de uma ontologia orientada ao objeto – ou ao sujeito –, mas de uma ontologia orientada à concreção, isto é, ao processo de integração de *feelings*,

que são o próprio encontro entre o sujeito, como superjecto preendente, e o objeto, como dado preendido. Sempre por via do *feeling*, o objeto constitui o próprio superjecto e este, por sua vez, provê os objetos de unidade subjetiva, sem a qual não seriam objetos e não acrescentariam novidade no universo. A concrecência – célula de atualidade ou entidade atual – é, em si, um processo maquínico que funciona tanto como superjecto quanto como objeto, dependendo do papel que desempenha no agenciamento no qual *atua*.

Referências

BRYANT, Levi. **Onto-Cartography: An Ontology of Machines and Media**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papirus, 1991.

NÖTH, Winfried. **O universo permeado de máquinas de Levi Bryant**. Trad. Adelino Gala. 2015. Disponível em: <<https://transobjeto.wordpress.com/2015/04/05/o-universo-permeado-de-maquinas-de-levi-bryant/>> Acesso em 02 jun. 2016.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **A renitência do binômio sujeito-objeto**. 2014. Disponível em: <<https://transobjeto.wordpress.com/2014/05/15/a-renitencia-do-binomio-sujeito-objeto/>> Acesso em 02 jun. 2016.

SHAVIRO, Steven. **The universe of things**. 2011. Disponível em: <<http://www.shaviro.com/Othertexts/Things.pdf>> Acesso em 02 jun. 2016.

_____. **Deleuze's Encounter With Whitehead**. 2007. Disponível em: <<http://www.shaviro.com/Othertexts/DeleuzeWhitehead.pdf>> Acesso em 02 jun. 2016.

WHITEHEAD, Alfred. **Process and Reality: An Essay in Cosmology**. New York, NY: Free Press, 1978.